

Algumas questões sobre a relação entre texto e contexto na narrativa da Batalha de Hastings de Henry de Huntingdon (c. 1139)

Paulo Christian Martins Marques da Cruz^{*}

Resumo:

A relação dialética entre texto e contexto, a partir de uma abordagem histórica, pressupõe a observância de alguns elementos de uma determinada obra enquanto um sistema simbólico. Com base neste mesmo viés histórico, as obras, enquanto objeto do historiador social, não podem ser compreendidas enquanto produtos autônomos de uma determinada realidade material. Nesse sentido, propomo-nos a trabalhar com a narrativa da Batalha de Hastings, contida no interior da obra *Historia Anglorum*, de Henry de Huntingdon (c. 1080 – 1160), importante historiador inglês do século XII. A partir da análise desta narrativa, objetivamos identificar algumas questões concernentes à relação entre texto e contexto nesta obra, em especial as relativas ao problema da produção da obra e sua atuação no campo intelectual e político, sobretudo na corte de Henry I (1100-1135). Procederemos igualmente com alguns apontamentos sobre sua recepção e sua linguagem enquanto mecanismo transmissor. Acreditamos que a necessária reconstrução de determinados momentos sobre a vida deste clérigo, e que a adoção de uma determinada linguagem no interior desta narrativa, pode ajudar-nos a identificar e fortalecer indícios quanto ao lugar social de produção desta obra, enquanto discurso político e laudatório.

Palavras-chave: Batalha de Hastings, *Historia Anglorum*, Henry de Huntingdon, História Social, Conquista Normanda da Inglaterra.

^{*} Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de São Paulo. Membro do Grupo de Estudos “Legitimidade, Governo e Conflitos Sociais na Idade Média e Renascimento (LEGIM-UNIFESP). Email: Paulo.mmc1@gmail.com.

Introdução

A Batalha de Hastings, ocorrida em 14 de outubro de 1066, é o clímax do processo conhecido pela historiografia como Conquista Normanda da Inglaterra. Tal litígio político envolveu o então duque da Normandia, William II, e o último rei anglo-saxão da Inglaterra, Harold II Godwinson. Esse confronto bélico, assim como a Conquista são considerados marcos geopolíticos no Ocidente Medieval, representando transformações linguísticas, religiosas e sociais em ambos os territórios. (BARTLETT, 2000, p.11-12).

Diante de tais transformações profundas na sociedade inglesa e normanda, localizamos igualmente um direto e profundo impacto na produção historiográfica – sobretudo de crônicas - de ambas as regiões nos séculos XI e XII. Podemos, assim, identificar ao menos três gerações principais de narrativas sobre este processo, a partir da abordagem de Van Houts (2003, p.105). Ainda em face de um período de assentamento e absorção cultural no novo território conquistado, a primeira geração de narrativas, representadas por William de Jumièges, William de Poitiers, Guy de Amiens e a Tapeçaria de Bayeux, corroboram para a construção de um discurso laudatório sobre o duque normando e a Conquista (GRANSDEN, 1996, p.136). Duas dessas narrativas, a *Gesta Normannorum* e a *Gesta Willelm*, de Jumièges e Poitiers, respectivamente, foram possibilitadas por um bem sucedido processo de reforma, construção e incentivo das abadias beneditinas na Normandia, sendo a produção histórica¹, segundo Cassandra Potts (1997, p.31), entendida como um importante motor e sintoma de tal quadro.

A partir da construção de narrativas monásticas normandas, de cunho claramente laudatório em relação ao novo duque-rei normando, observamos um ambíguo ressurgimento das narrativas inglesas, com William de Malmesbury e John de Worcester, cuja visão do novo poder régio destoa quanto ao tom panegírico em

¹ Com base em Bernard Guenée, entendemos a História no medievo, em primeiro lugar, como herdeira de uma tradição Antiga. Pautando-se na ideia da construção de uma narrativa após um fato ecoante (o que pode ser notado na concepção de História em Isidoro de Sevilha: “*Historia est narratio rei gestae*”), a produção histórica seria então motivada pela percepção de eventos extraordinários, que ao desprenderem-se do ciclo natural e transformada por meio de um suporte, poderiam garantir a transmissão de uma estabilidade moral e comum às demais gerações. Igualmente, a apreensão dos eventos em narrativas, por meio do exercício da *mnemósine* (memória), poderia dotar a produção humana de um grau de imortalidade, em certa medida, fazendo-a encontrar seu lugar no plano divino.

relação à primeira geração. Finalmente, a terceira geração diz respeito aos cronistas anglo-normandos, onde as obras são fruto de uma síntese cultural e étnica entre conquistados e conquistadores, com o co-emprego de modelos narrativos normandos e anglo-saxônicos. No interior deste grupo aloca-se Henry de Huntingdon (c. 1080 – c. 1156), arqui-diácono de Huntingdon e membro do clero da Catedral de Lincoln, e sua obra, a *Historia Anglorum*.² Seu trabalho, escrito num total de sete livros, tinha como proposta demonstrar que havia uma continuidade da história e da identidade inglesa mesmo diante de cinco invasões a Bretanha (romanos, pictos e escotos, anglos e saxões, dinamarqueses e, finalmente, os normandos). É bastante claro em sua escrita uma racionalização teológica da realidade histórica da Bretanha, onde as sucessivas invasões e conquistas sofridas pela ilha representariam a vontade divina e uma punição por conta dos pecados dos ilhéus (KERSKEN, 2003, 184). Henry editou continuamente, e em seis momentos identificados, a obra entre c. 1131 a 1154, marcando a subida ao trono de Henry II (1154-1189).

É importante ter em vista que o texto historiográfico no Ocidente medieval é encarado como gênero literário, reconhecido assim por ser consequência do estudo da retórica e da gramática. Logo, não existe oposição direta entre os dois gêneros no contexto citado, uma vez que, a partir da direta influência de poetas e oradores da Antiguidade, como Salústio e Cícero, haveria a liberdade por parte do historiador medieval de adornar sua narrativa com diversos elementos retóricos e fictícios sem haver, no entanto, nenhum prejuízo na autoridade de seu discurso enquanto verdade – recorrentemente reafirmada pelos autores (ALMEIDA e DELLA TORRE, 2015, p.15; SMALLEY, 1974, p.19). Além disso, cremos ser necessário tomar a literatura enquanto documento de uma determinada realidade material, social e cultural, onde entendemos que “A literatura faz parte da cultura de uma sociedade tanto quanto seus rituais ou sua organização familiar. É resultante das convicções, das crenças, dos códigos da sociedade. É o imaginário social traduzido numa linguagem discursiva” (OLIVEIRA, 1984, p.84).

Por certo tempo, segundo Antônio Candido (1954, p.13-14), os textos literários foram encarados a partir da capacidade de funcionar como espelho da

² Utilizaremos a fonte em itálico no caso das referências em língua latina, como forma de destacar o que for necessário.

realidade social e dando lugar a uma figura do gênio criador, premissa esta fortalecida pelo positivismo no século XIX. Esse escopo, que teve seu funcionamento garantido no campo da análise, deu lugar a outra abordagem, em que a obra tendia a ser encarada a partir de seu valor enquanto peculiaridade e sendo pautada por um descolamento das estruturas materiais que a possibilitariam, a nosso ver, como obra em si. Este autor acredita que, diante da oposição direta entre as duas abordagens, poderia haver uma fusão entre os aspectos externos e internos da obra, uma vez que “sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, por tanto, interno” (CANDIDO, 1954, p.14, p.24).

Com base nessa proposta inicial, pretendemos aqui analisar enquanto possibilidade interpretativa a *Historia Anglorum* de Henry de Huntingdon em uma narrativa específica contida em seu terceiro livro: a Batalha de Hastings. A partir disso, utilizaremos duas indagações feitas por Antônio Candido: em primeiro lugar, interessa-nos compreender como o social, ou o seja, o contexto, possui influência sobre a obra e, inversamente, como esta obra pode influenciar o meio. De todas as abordagens propostas – e válidas – feitas por este autor, nos focaremos em analisar um possível papel político desempenhado por esta obra. Procuraremos, ainda, identificar alguns impactos dessa obra sobre o público, evidenciando então a sua circulação, uma vez que “Algumas das tendências mais vivas da estética moderna estão empenhadas em estudar como a obra plasma o meio, cria o seu público e as suas vias de penetração, agindo em sentido inverso ao das influências externas” (CANDIDO, 1954, p.28).

Procuraremos proceder a partir de algumas sugestões metodológicas propostas pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu. Avançaremos, em primeiro lugar, numa reconstrução possível de seu *corpus*, ou seja, de elementos de sua vida e de sua obra, evidenciando formação pessoal enquanto clérigo e autor e, por sua vez, inseridas no interior do campo ideológico do qual fazem parte. Em um segundo momento, verificaremos como se estabeleceram determinadas relações entre este corpus e um campo intelectual e conseqüentemente do poder (BOURDIEU, 2005, p.186). Além de uma análise externa, faremos uma análise interna da narrativa desta Batalha, onde acreditamos que a adoção de um habitus narrativo, por parte

deste autor, cumpria diversas funções políticas e mentais, tornando válida, assim, a abordagem proposta por Candido.

Não procederemos, então, com nenhuma proposta inovadora tanto sobre a figura de Henry de Huntingdon, a *Historia Anglorum*, ou sobre a historiografia da Conquista Normanda da Inglaterra. Nossa intenção aqui é de chamar a atenção para alguns aspectos da relação entre a obra de Henry e seu meio, procurando evidenciar a não procedência da imposição antagônica entre elementos internos e externos e sua possível atuação no campo intelectual e do poder.

O corpus: Henry de Huntingdon e a *Historia Anglorum*

Ao proceder com uma reconstrução da vida de Henry de Huntingdon, não iremos aqui discutir todas as incoerências e lacunas presentes na construção de uma vida ou exercidas pelo indivíduo biografado. Pierre Bourdieu (2006, p.183-193) explorou não apenas a incapacidade do tratamento da multiplicidade de uma vida por parte do autor, como procurou evidenciar o problema da excessiva racionalidade dos sujeitos biografados em uma série de exemplos. Nossa intenção é apontar e organizar algumas informações úteis já previamente sintetizadas por historiadores contemporâneos, mas que procuram, por meio deste esforço, perceber como estas informações biográficas, contidas em muito em sua própria obra, dão-nos espaço para interpretações sobre o comportamento desta personagem. Utilizar-nos-emos, pois, do raciocínio proposto por John Gillingham, Diana Greenway e Antonia Gransden.

Henry teria nascido por volta de 1088, em Little Stuckley, uma pequena vila no nordeste de Huntingdon. Seu pai, Nicholas, era arqui-diácono de Huntingdon e, pertencendo à família normanda dos Glanville, conquistou terras durante a invasão em Norfolk e Suffolk. Com base no apontamento do pai de Henry para tal cargo pelo bispo de Lincoln, Remigius, este pôde entregar Henry* para a escola da catedral, onde foi educado por Albinus de Anger. Remigius foi o primeiro contato indireto que Henry teve com o poder real normando, uma vez que este bispo, além de escolha

peçoal de William I, contribuiu diretamente para a invasão com cavaleiros e navios (BATES, 1992, p.5-6).

A formação de Henry de Huntingdon, a partir dos estudos propostos por Albinus de Angers, o inseriu não apenas nas práticas comuns ao clero, mas no campo intelectual daqueles que produzem escritos. Estando a história alocada entre o estudo da gramática e da retórica, este se aprofundou no estudo da gramática latina e em modelos de eloquência da Antiguidade (GREENWAY, 1996, p.15). Apesar de Henry ser taxativo quanto à negação do emprego de referenciais clássicos como elementos de sua obra, é inegável a utilização de tais referenciais enquanto modelo transmitido a esta região.

But why should I dwell on profane literature? See how sacred history teaches morals: while it attributes faithfulness to Abraham, fortitude to Moses, forbearance to Jacob, wisdom to Joseph; and while, on the contrary, it sets forth the injustice of Ahab, the weakness of Ozhah, the recklessness of Manasseh, the folly of Roboam (HUNTINGDON, 1853, p.26).

A construção da *Historia Anglorum* tem direta relação ao cargo de arqui-diácono de Huntingdon, ocupado por Henry desde 1100. A partir disso, podemos traçar a conexão de Henry com mais dois bispos de Lincoln que, além de atuarem enquanto protetores, garantiram seu contato, direto e indireto, com o poder régio normando, sobretudo na figura de Henry I. A segunda relação de proteção após a ocasionada por Remigius deu-se sob Robert Bloet (? – 1123). Bloet havia atuado como chanceler de William II (1087-1100) e conselheiro próximo a Henry I. Na companhia de Bloet, Henry foi levado na comitiva do rei por diferentes regiões do reino, tendo feito seus primeiros relatos sobre esta monarquia, incluindo a morte de Ranulf, chanceler do rei e do próprio Robert Bloet (GREENWAY, 1996, p.15). A relação mais significativa e de maior impacto na obra de Henry de Huntingdon deu-se durante o bispado de Alexander de Blois (? – 1148) em Lincoln. Muitos traços da convivência na residência de Alexander foram registrados nas “*De Contemptu Mundi*”, uma série de reflexões sobre a vida cotidiana em diversas esferas, feitas na forma de cartas e, posteriormente, inseridas no interior da *Historia*. Em algumas passagens, Henry descreve esse cotidiano com base numa interconexão entre nobreza e clero normando – apesar de Alexander, segundo Henry, ser um inglês – (HUNTINGDON, 1848, p.25), além de evidenciar relações luxuriosas e de alta ostentação por parte da classe dominante normanda.

Antes de iniciar qualquer obra de maior fôlego, Henry, bastante incentivado por Albinus de Angers, debruçou-se sobre o estudo e a criação de poesias. Além de seus versos terem sido produzidos, em muito, a partir da métrica clássica, Albinus e sua tradição do Vale do Loire inculcaram em Henry influências de poetas e outros autores dessa região (GILLINHAM, 2010, p.1). Com base no destacamento de Henry enquanto arqui-diácono e poeta, Alexander de Blois encomendou desse a escrita de uma narrativa histórica. Alexander teria orientado Henry a nortear sua narrativa por outra, a de Beda, o Venerável (c. 673 – 735), o autor da *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum* (Historia Eclesiástica do Povo Inglês c. 731). Em contrapartida, a *Historia Anglorum* é orientada igualmente por um discurso laudatório, em várias passagens, em relação à figura de Alexander, a começar pela dedicatória, em homenagem a este bispo (HUNTINGDON, 1848, p.14).

A cópia substancial de partes da obra de Beda e o emprego de seu modelo enquanto base, não era visto como uma prática pautada no plágio. No limite, este não era considerado um vício e sim uma virtude, uma vez que “one should never put in one’s weak words what had been said better already” (SMALLEY, 1974, p.10). Além disso, o texto alocado no passado e mesmo esta concepção de temporalidade, para os autores do medievo, representava uma forma de autoridade, atestada pela própria terminologia latina da palavra autor (auctor). Sobre o passado, este não era compreendido, enquanto matéria da produção histórica, como descolado da temporalidade do presente. Com base em Goetz (2012, p.121), é possível falar em intemporalidade no interior dos escritos medievais – e a *Historia* de Henry não será diferente, como veremos. De acordo com este autor, os cronistas no medievo seriam caracterizados, com base na intemporalidade, ou seja, de uma falta de compreensão de alteridades estruturais e da individualização histórica das épocas, onde haveria uma evidência das continuidades históricas, comparações individuais e estruturais baseadas em aparentes similitudes comportamentais (GOETZ, 2012, p.122). Assim, a *Historia Anglorum* é escassa em informar datas precisas, citando apenas aquelas referentes a acontecimentos de impacto relevante: 1033 (Primeiro milênio da morte de Cristo), 1066 (Conquista Normanda da Inglaterra), 1096 (Primeira Cruzada), sendo utilizadas, por outro lado, as *anno regnum* (anos de reinado), com base nos reis ingleses. Como veremos, isso ficará mais claro ao observarmos internamente a narrativa de Henry de Huntingdon.

Ainda que a *Historia Anglorum* seja uma narrativa debitária de um modelo pré-existente e condicionado ao emprego de um aporte de elementos ligados ao cotidiano eclesial e da corte dos reis normandos, é necessário compreendê-la como um novo trabalho, que detém, assim, certo grau de originalidade. Segundo Goetz, o autor poderia ter três formas principais de ser original no período: a escolha do nome da obra, a seleção dos fatos e a forma de interpretação destes (GOETZ, 2012, p.115). A escolha do título *Historia Anglorum*, claramente um diminutivo do título escolhido por Beda, demonstra, além da influência da obra deste último autor, o emprego de um escopo semelhante, que englobaria uma história “nacional” da ilha, cujo motor principal é a já citada racionalização teológica das sucessivas conquistas. Ainda assim, no interior dos momentos de produção da orientação dos padrões da época e a da escolha de certos temas, como sugere Candido (1954, p.31), podemos identificar, com base na narrativa da Batalha de Hastings e sua relação com o poder régio normando, certo grau de originalidade.

Observamos, então, que Henry de Huntingdon dispõe de um determinado programa cultural que advém de sua origem na nobreza anglo-normanda, de sua formação enquanto literato, historiador e seu arqui-diácono. A adoção deste conjunto de noções e práticas enquanto habitus, insere Henry em alguns campos, a nosso ver, que se inter-relacionam. Essa não autonomia do campo intelectual de produção escrita no medievo, demonstrada pela necessidade, em primeira instância, do patronato de figuras ligadas ao clero, coloca este campo em conexão com o campo do poder. Tal relação é fortalecida pela premissa de que a *Historia Anglorum* organizou-se com base nos jogos de poder político e dependeu das mudanças políticas da monarquia normanda e de sua relação com esta para inclusões, alterações e apagamentos. Assim, como sugere Bourdieu (p.193), a dependência material em relação à classe dominante e a necessidade da construção, em muitos casos, de discursos laudatórios, coloca o intelectual em uma determinada sociedade, na posição de dominadores-dominados, ou seja, em constante não autonomia em relação a esta.

A *Historia Anglorum*, a Batalha de Hastings e o campo do poder.

Antes de trabalharmos algumas passagens internas da *Historia Anglorum*, podendo inferir assim alguma atuação desta no campo do poder, é necessário enumerar e analisar algumas informações quanto a sua materialidade. Tais informações, compiladas pela historiografia, podem ajudar-nos a compreender melhor seu campo de atuação e alguns aspectos da reprodução da obra no universo anglo normando dos séculos XII e XIII.

É importante lembrar que, segundo Candido (1954, p.31), as obras encontram-se finalizadas apenas quando atuam em um determinado espaço. Logo, em comparação a outros manuscritos relacionados à Batalha e ao governo normando, sobretudo os confeccionados por William de Poitiers e William de Jumièges, a sobrevivência dos manuscritos da história anglorum é notória, uma vez que

The prevalent habit among medieval chroniclers of appropriating lengthy portions of earlier histories, with or without acknowledgement, made elements of Henry's text widely known, so that they become ingredients of the great mass of diversely sourced material that continued to be transmitted in various forms as 'the history of England' at least until the creation of modern critical historiography in the later years of the nineteenth century (GREENWAY, 1996, p.30).

Assim, partindo da premissa que no medievo Ocidental o plágio não era entendido enquanto um vício e sim tratado enquanto autoridade (SMALLEY, 1974, p.10), o manuscrito da *Historia* sobreviveu em 45 exemplares inteiros e uma quantidade quase incontável de fragmentos. A *Historia* chegou às mãos de Geoffrey de Monmouth e Robert Torigni, ambos normandos, nas décadas de 1130 e 1140, respectivamente. Monmouth é conhecido por ser o autor da *History of the Kings of Britain*, sendo o primeiro (sendo que ou sendo o primeiro?) a organizar e estruturar o chamado ciclo arturiano, a parte mais famosa da chamada "Matéria da Bretanha" (GREENWAY, 1996, p.29).

Além de certa popularidade no território normando, o manuscrito teria sido identificado em diversos outros autores na Inglaterra dos séculos XII e XIII, como William de Newburgh (c. 1136 – c. 1198), Gervase de Canterbury (c. 1141 – c. 1210) e Ralph de Diceto (? – 1202). No século XIII, ainda na Inglaterra, Walter de Coventry

(? – 1290) utilizou-se de livros inteiros de Henry de Huntingdon em sua obra *Memoriale fratris Walteri de Coventria*, além de Edward of Guisborough e sua *Chronicon Walteri de Hemingburgh*. A outra foi editada pela primeira vez por Sir Henry Savile, em 1596 (GREENWAY, 1996, p.30).

A partir desta constatação de circulação meritória por instituições eclesiais no universo anglo-normando dos séculos XI ao XIII, acreditamos evidenciar certo impacto político e cultural, onde indiretamente a afirmação do poder régio normando está contido em parte dos livros. Isso nos leva a salientar a premissa de que o texto medieval é entendido enquanto documento jurídico por excelência, caracterizando-se como uma compilação de gestos e costumes de determinadas comunidades eclesiais e/ou leigas (VAN HOUTS, 2010, p.210) Procuraremos descrever, então, como esta obra organizou-se e atuou no interior da corte de Henry I, o último dos reis normandos da Inglaterra (1066-1135).

Segundo John Gillingham (2010, p.164), Henry de Huntingdon, graças aos seus contatos com Alexander de Blois, teria estado na corte de Henry I em diversos intervalos de anos, entre 1122 e 1154, atuando principalmente como poeta da corte, sob o patronato da primeira esposa de Henry, Matilda (c. 1102 – 1167) e depois sob a rainha Adeliza (c. 1103 – 1151). Essa proximidade seria atestada pela escrita de poemas para ambas (1118 e 1121, respectivamente), além de um poema pela vitória na Batalha de Brémule (1119) e um lamentando o naufrágio do Navio Branco (1120), que levava Ricardo, filho de Henry I.

A proximidade e a convivência com o poder régio normando, a nosso ver, introduziram Henry de Huntingdon em campo do poder de flutuações constantes. No interior da corte, Henry continuou a escrever e a editar (1129 e 1139) a *Historia Anglorum*. As edições demonstram mudanças no campo em que esta obra se insere e circula. Tomaremos a versão de 1139 enquanto objeto de nossa análise interna, uma vez que ela representa adições sensíveis em relação à Batalha de Hastings, não tendo sido este relato posteriormente alterado nas demais edições (DAVIS, 1976, p.124).

A narrativa da Batalha, contida no interior do terceiro livro, é centrada em um discurso ficcional proferido por William II, então duque da Normandia no imediato momento antes da batalha. A construção de discursos é um recurso retórico

bastante comum no medievo, e garantido pela continuidade de tradições da Antiguidade clássica, sobretudo por intermédio da sobrevivência de fragmentos de Suetônio, Salústio e Cícero e é igualmente utilizado para outras batalhas e personagens narrados por Huntingdon, com Júlio César e os líderes nas Batalhas do Estandarte (1138), e de Lincoln (1141) (GREENWAY, 1996, p.24). Além da influência dos clássicos enquanto modelo narrativo, encontramos ainda a influência de outras crônicas que se utilizaram deste mesmo recurso e escreveram em momentos anteriores ou ao mesmo tempo. John de Worcester (1140), Orderico Vitalis (1141) e William de Malmesbury (1143), além de completarem o quadro de crônicas anglo-normandas, podem ter sido igualmente utilizados em algumas das últimas versões da *Historia de Huntingdon*, além de dele terem se utilizado (CHIBNALL, 1984, p.22; GILLINGHAM, 2010, p.160).

Sobre o discurso, Henry de Huntingdon escreve a relação entre normandos e francos, assim como a dos normandos e os anglo-saxões. Todas as descrições baseiam-se na ideia da negação destes e dos feitos normandos:

What he wanted of the territory of France he appropriated to himself; what he chose, only, was left to the king; what he had, he held during his pleasure; when he was satisfied, he relinquished it, and looked for something better. Did not Rollo, my ancestor, the founder of our nation, with your progenitors, conquer at Paris the king of the franks in the heart of his dominions; nor could he obtain of and respite the until he humble offered possession of the country which from you is called Normandy, with the hand of his daughter?(HUNTINGDON, 1853, p.210-211).

Na passagem citada, chama a atenção à digressão etnogênica feita pelo autor ao início da ocupação do território da Normandia por Rollo³, no início do século X. Como veremos em outras passagens e mesmo na historiografia anglo-normanda do período, os ideais de identidade e, com isso, de raça, manifestam-se sobre medida. É importante frisar sempre que a identidade possui caráter de alteridade, ou seja, baseia-se e constrói-se com base na negação do outro, ou seja, daquilo que não se deseja ser, além de sua aplicação aqui para fins políticos (PRADO, 2009,

³ Rollo da Normandia (c. 860-932) foi o líder da expedição viking que se assentou na Normandia por meio do tratado de Saint-Clair-Sur-Epte, selado com o rei franco Carlos III, o Simples (893-922), em 911. Segundo o tratado, Rollo receberia as regiões ao redor de Ruão até a foz do rio Sena, além de casar-se com Gisla, princesa do reino e ter a responsabilidade de converter seu povo e a si mesmo ao cristianismo. No entanto, o título de duque da Normandia foi primeiramente observado na documentação sobre seu neto, Ricardo I, o Destemido (933-996). Boa parte dessa reconstrução baseia-se nos escritos de Dudon de Saint-Quentin (c. 965 – c. 1043), capelão de Ricardo I e autor da *De moribus et actis primorum Normanniæ ducum*, e tem valor histórico discutível pela historiografia por se caracterizar por uma narrativa construída sob bases materiais e premissas políticas de Ricardo I, ou seja, anacrônicas.

p.583-585). Durante alguns outros trechos, veremos o esforço deste autor em colocar o poder dos reis francos, onde, em tese, o poder do rei inglês estava submetido por conta da vassalagem do território normando ao reino franco, em posição igual e até mesmo inferior a dos reis normandos da Inglaterra.

O mesmo movimento de negação do outro e reafirmação dos ideais normandos pode ser notada em passagens onde Harold Godwinson e os anglo-saxões são evidenciados:

It is not shameful, then, that a people accustomed to be conquered, a people ignorant of the art of war, a people not even in possession of arrows, should make a show of being arrayed in order of battle against you, most valiant? It is not a shame that this King Harold, perjured as he was in your presence, should dare to show his face to you? It is a wonder to me that you have been allowed to see those who by a terrible crime beheaded your relations and Alfred, my kinsman, and that their own accursed heads are still on their shoulders (HUNTINGDON, 1853, p.211).

Harold Godwinson, o então último rei anglo-saxão da Inglaterra, é descrito enquanto usurpador do trono em perjúrio. Isso se sustentaria baseado em uma afirmação de William de Jumièges, a qual Harold, em visita à Normandia sob as ordens de Eduardo, o Confessor, rei da Inglaterra e primo de William, teria como missão confirmar a promessa deste rei em entregar o trono ao duque normando ao morrer. William, segundo este cronista, teria jurado sobre relíquias sagradas de que cumpriria tal promessa. Com a morte de Eduardo, Harold teria usurpado a coroa para si mesmo, resultando na invasão normanda (JUMIÈGES, 1999, p.182). Aqui, Henry de Huntingdon recorre a mesma passagem, não só denunciando a circulação do texto de Jumièges, mas reforçando a adoção de uma estratégia discursiva.

Se tomarmos a *Historia* enquanto regida pelas regras do campo intelectual da Inglaterra anglo-normanda do século XII, e mesmo o que se entendia enquanto produção historiográfica no medievo Ocidental, procuraremos com base em Candido (1954, p.32) encarar esta obra enquanto motivação por uma ideia de agregação, ou seja, ela “se inspira principalmente na experiência coletiva e visa a meios comunicativos acessíveis. Procura, nesse sentido, incorporar-se a um sistema simbólico vigente, utilizando o que já está estabelecido como forma de expressão de determinada sociedade”.

O autor, assim como boa parte da historiografia da época sobre os normandos, procura evidenciar os feitos normandos enquanto povo belicoso por

excelência. Sua notoriedade no campo de batalha e sua coragem é, novamente, referida com base em digressões.

But why do I go back to former times? When you, in our own time, engaged the French at Montemer, did not the French prefer flight to battle, and use their spurs instead of their swords; while Ralph – the French commander – being slain, you reaped the fruits of victory, the honour and the spoil, as natural results of your wonted success? Ah! Let any one of the English whom our predecessors, both Danes and Norwegians, have defeated in a hundred battles, come forth and show that the race of Rollo ever suffered a defeat from his time until now, and I will submit and retreat (HUNTINGDON, 1853, p.210).

Aqui o tema do sucesso militar normando acompanha, como nos referimos, a reafirmação identitária normanda. A lembrança do cronista é baseada, assim, em parte, na vitória dos normandos contra Henry I da França, na Batalha de Mortemer, diante de uma tentativa deste de recuperar o território Normando como um feudo direto dos reis francos (LOT, 1946, p.282; CONTAMINE, 1980, p.20; SAUL, 1997, p.65). Nesse sentido, um ideal de coragem específico, como coloca Bliese (1991, p.3), é bastante caro aos normandos e aparece em diversas crônicas enquanto valor meritório, inclusive na Itália do Sul. Entendemos que o Henry toma como método aqui, uma estratégia comum aos escritos no medievo conhecida como personificação (*fictio personae*), onde a personagem narrada deveria ser descrita em cores vivas, em gestos e psique, para ser, de fato, personificada pela leitura. Nesse sentido, Huntingdon segue a descrição da batalha que assim orienta-se pelos gestos de William:

Duke William, therefore, commanded his troops to make a feigned retreat. In their flight they happened unawares on a deep trench, which was treacherously covered, into which numbers fell and perished. Duke William also commanded his bowman not to aim their arrows directly at the enemy, but to shoot then in the air, that their cloud might spread darkness over the enemy's ranks; this occasioned great loss to the English. Meanwhile, a shower of arrows fell round King Harold, and he himself was pierced in the eye. A crowd of horsemen now burst in, and the king, already wounded, was slain (HUNTINGDON, 1853, p.212).

Henry de Huntingdon, assim como fazem outros cronistas, salienta os estratagemas militares de William, os quais enganam os anglo-saxões e garantem sua vitória no campo de Hastings (DOUGLAS, 1974, p.200-201). Acreditamos, com base em Gransden (1996, p.200) e Gillingham (2010, p.160), que estas ávidas descrições deste conflito advenham não somente dos referenciais retóricos em posse do autor, mas do acesso a fontes documentais e orais, possibilitadas a Henry uma vez no interior da corte do último dos filhos de William I.

Acreditamos, assim, que a escolha de tais temáticas e seu tom épico, conferiram a obra de Henry de Huntingdon certo grau de sucesso no interior da corte de Henry I e em instituições eclesiais na Inglaterra e na Normandia. Dessa maneira, o primeiro efeito causado pela obra, foi a reprodução da sobrevivência desse monge enquanto atuante em proximidade da corte deste rei normando dos ingleses. Politicamente, é necessário retomar o raciocínio da identidade enquanto objeto da *Historia Anglorum*. Segundo Davis (1976, p.131), durante o século XII, os normandos vitoriosos em Hastings passavam por um processo de absorção cultural pelos anglo-saxões, conseguindo apenas amalgamar suas instituições, língua e cultura às estruturas já existentes. Esse processo levava ao desaparecimento paulatino dos normandos enquanto povo. É importante frisar, que em todas as cartas por nós observadas na *Regesta Regum Anglo-Normannorum*⁴, respectivas ao período analisado, os reis normandos não se apresentam enquanto *rex normannorum*, mas sim como *rex anglorum*. Assim, Segundo este autor:

When that stage had been reached, all notion of real distinction between Norman and English had vanished, because the Normans had projected themselves into the past and identified themselves with the pre-Norman history of England. Both imaginatively and materially that history was very much richer than the pre-Norman history of Normandy and it already had a copious literature. The Norman adopted it as the history of the land, and made the land their own by covering it with palaces and castles, their cathedrals and abbeys, their parish churches and their ancestral tombs, so that every town and village took on a new appearance and proclaimed their lordship. They belonged to England as much as England belonged to them.

Desta forma, a existência do discurso de forte apelo racial construído por Henry precisa ser analisada, não apenas enquanto recurso retórico da escrita no medievo, mas enquanto estratégia política de afirmação do poder régio normando e enquanto discurso de sobrevivência étnica (CHIBNALL, 1999 p.126-127).

Tal narrativa deve ser, segundo a historiografia, entendida enquanto sobrevivente às diversas vicissitudes do poder régio e de sua relação com as figuras que acompanhavam Henry de Huntingdon na corte, sobretudo Robert Bloet e depois Alexander de Blois. Segundo Judith Green, uma das poucas biógrafas de Henry I ao

⁴ A *Regesta Regum Anglo-Normannorum* é uma compilação de cartas e editos relacionados aos reis normandos da Inglaterra (William I, William II e Henry I). Além de textos resumidos das cartas, há uma indicação do local de sua autoria e sua localização física atual. Além do assunto tratado e dos interessados, há uma lista de testemunhas no momento da assinatura do termo, o qual aponta Henry enquanto arqui-diácono de Huntingdon algumas vezes em relação às cartas de Henry I. Nos utilizamos aqui da edição feita por H. W. C. Davis, disponível em: <https://archive.org/stream/regestaregumangl01daviuft#page/n7/mode/2up>

lado de Warren Hollister (2003), Robert Bloet teria caído em desgraça com o rei, levando Henry de Huntingdon à construção dos poemas sobre as rainhas e as vitórias normandas, em busca de restaurar o patronato, agora com a ajuda de Alexander de Blois (GREEN, 1986, p.32).

Assim, o discurso central da Batalha de Hastings, por nós aqui trabalhado, foi incluído nessa narrativa na versão da *Historia Anglorum* de 1139, quatro anos após a morte de Henry I e já sob o governo de Stephen I (1135-1154), da Casa de Blois (o único dessa linhagem). Apesar de Henry de Huntingdon em muitos momentos apresentar-se enquanto crítico de momentos da monarquia exercida por Henry I e Stephen, muitas de suas narrativas sobre os feitos normandos, os dotam de tons panegíricos.

Dessa maneira, e aqui seguimos a mesma linha, John Gillingham aponta que durante o início do reinado de Stephen I, Huntingdon procede com um movimento de identificação de si mesmo com a monarquia normanda, além de assumir para si os poemas contidos no interior da *Historia*, anteriormente de cunho anônimo, segundo o autor. Tais poemas eram assinados, em seu final, com os termos “*quidam dixit*” (alguns disseram), tendo sido posteriormente apagados e refeitos com os disseres *ita diximus* (assim dissemos).

Poderíamos inferir que Henry utiliza-se da moral cristã da produção escrita, que limita a apresentação do autor, escamoteando-se constantemente em pseudônimos e pseudo-autores outros. Acreditamos que este não é o caso, uma vez que a troca repentina de orientação na escrita de Henry, principalmente em sua autoria, a nosso ver, denuncia seu conhecimento do habitus não apenas do campo intelectual, mas de sua atuação no campo do poder. Henry é politicamente silencioso sobre vários aspectos de sua vida na *Historia*, sobretudo no que pese ao fator de possuir um filho e esposa e de posicionar-se contra o celibato do clero (GILLINGHAM, 2010, p.170).

Assim, sua *Historia Anglorum*, modelada para ter como campo de atuação por excelência a corte dos reis normandos, seria atualizada com o propósito de identificar este cronista com tal corte e não a de Stephen I, além de demonstrar aos novos monarcas suas habilidades retóricas, que poderiam ser utilizadas por este mesmo poder (GILLINGHAM, 2010, p.171).

Tal conjunto de práticas adotadas por Henry de Huntingdon e sua *Historia Anglorum* e por ele gozadas, diante do poder régio normando, aproximam-se, então, dos pressupostos do *habitus* proposto por Bourdieu, onde salientamos com base nesse autor a possibilidade de alterações nos campos, uma vez que “[...] Tais práticas e ideologias poderão atualizar-se em ocasiões mais o menos favoráveis que lhes propiciam uma posição e uma trajetória determinadas no interior de um campo intelectual que, por sua vez, ocupa uma posição determinada na estrutura da classe dominante (BOURDIEU, 1999, p.191).

Finalmente, a *Historia Anglorum* e Henry de Huntingdon são por nós entendidos enquanto sintomas meritórios das percepções e regras deste campo intelectual e do poder. É possível identificar assim indícios que sinalizam as zonas de mudanças e de tensão no interior da construção do discurso eclesiástico, que, além de dotar de inteligibilidade o real por meio do religioso, procura igualmente, por intermédio deste, construir e edificar o poder régio normando e a gens normannorum.

Considerações finais

Ao recorrermos à construção do corpus, ou seja, da elaboração de algumas passagens de interesse da vida de Henry de Huntingdon e da elaboração de sua obra, a *Historia Anglorum*, com especial foco na sua narrativa da Batalha de Hastings, pudemos identificar os indícios que esta obra guarda em sua relação com o contexto. Entendemos esta relação, então, com base numa dialética obrigatória, procurando verificar não apenas as suas influências, mas algum tipo de atuação no meio.

Dessa maneira, entendemos que a *Historia* de Henry foi elaborado com base nas regras do campo intelectual, ao qual ele estava inserido, o que compreendia não só determinadas regras teológicas e leigas para a confecção do texto, mas a reconstrução de uma rede de solidariedades. Tal rede, que entendemos com base nas práticas patronais do medievo, garantia a existência da obra e sua atuação no meio, o ponto final de qualquer obra.

Nesse sentido, a inserção de Henry e da *Historia* no campo do poder, exercido não apenas pelo poder eclesial, mas principalmente a partir da corte do rei

normando Henry I, demonstrou influências contextuais meritórias para que isso fosse garantido. Em primeiro lugar, Henry de Huntingdon demonstrou pelo seu escrito ter tido uma formação sólida e o acesso às fontes que possibilitaram a escrita de uma obra de densidade, a partir da reprodução de modelos já existentes, sobretudo os advindos da Antiguidade clássica. A influência das temáticas da guerra e de referenciais que buscassem uma racionalização teológica da realidade inglesa, enquanto histórica e identitária, modularam a obra de Henry e, a nosso ver, possibilitaram uma inserção entre as demais crônicas do período trabalhado.

Por outro lado, procuramos evidenciar igualmente a relação que esta obra guardou com o meio no que pesa a sua atuação e possíveis impactos políticos. Assim, acreditamos que, com base na impossibilidade de dissociar a obra de sua circulação, a escolha de determinados temas no interior da narrativa de Hastings, visavam a atuação da obra se não para o rei normando, para membros da alta nobreza anglo-normanda e eclesial. Isso por nós, novamente, é reforçado pela escolha de uma determinada linguagem que, além de panegírica aos reis normandos, permitia enquanto habitus, a atualização da História e da narrativa de Hastings, como observamos pela inclusão do discurso de William I a partir da segunda edição, de 1139. Enquanto Henry de Huntingdon atualizou a linguagem disposta na obra, atualizou seu próprio comportamento e lugar no interior do campo intelectual e do poder, tendo sua obra, o que incluía produção de poesias, desempenhado papel de elo entre sua figura, os bispos de Lincoln (aos quais ainda estava ligados) e a monarquia normanda.

Cruzando tais informações com o do estado da arte da historiografia, percebemos que a obra de Henry de Huntingdon foi bastante popular no universo anglo-normando dos séculos XII e XIII. De acordo com o habitus do campo, Henry foi utilizado enquanto modelo e excerto em uma série de crônicas que circularam pelo reino da Inglaterra e o ducado da Normandia. Com a circulação de uma obra de laudatória sobre os reis normandos, outra parte de sua função política foi cumprida, a de garantir à ciência a presentificação da autoridade normanda por intermédio do texto nas instituições eclesiais e leigas, sobretudo por meio do exercício da personificação enquanto recurso literário do campo.

Confirmando, sob a perspectiva de abordagem proposta por este trabalho, que um escopo racial caracterizou-se enquanto influência na obra e da obra, para um determinado público, já citado. Não apenas na narrativa de Batalha de Hastings como em toda a *Historia*, Henry orientou-se por uma noção de identidade, que compreendia, sobretudo, a capacidade dos povos de orientarem-se com base nos valores cristãos e seus feitos em combate.

Por sua vez, o discurso eloquente do futuro rei William I, foi construído com base numa digressão etnogênica, que buscava na origem do povo normando, não apenas seus feitos bélicos e morais enquanto instrumento de afirmação ou reafirmação identitária, mas incluía nessa mesma narrativa a premissa da negação do outro. Num mesmo movimento, anglo-saxões, representados pela figura do rei usurpador Harold II Godwinson, e o povo franco, foram entendidos enquanto populações antagônicas aos normandos, cujos feitos este cronista procurou equiparar aos povos citados e mesmo diminuí-los frente aos normandos.

Finalmente, como aponta a historiografia, a gens normannorum no período correspondente à escrita e circulação da *Historia Anglorum*, encontrava-se em processo de absorção étnico-cultural pela população anglo-saxônica residente na Ilha. A iniciativa de tratar em cores laudatórias os feitos dos normandos representaria se não a necessidade de manutenção da identidade destes conquistadores, diante de processo que amalgamava as culturas anglo-saxônicas e normandas em uma síntese. Em vista da leitura, tal síntese promovia, então, o desaparecimento da identidade normanda enquanto povo, cujas características ímpares seriam narradas por Henry.

Bibliografia

ALMEIDA, Néri de Barros; DELLA TORRE, Robson Murilo G. “A História Eclesiástica de Eusébio de Cesaréia frente à tradição historiográfica clássica”. In: TEIXEIRA, Igor S.; BASSI, Rafael (orgs). *A Escrita da História na Idade Média*. São Leopoldo-RS: Oikos, 2015, p.9-35.

BARTLETT, Robert. *England Under the Norman and Angevin Kings 1075-1225*. In: ROBERTS, J. M. *The New Oxford History of England*. Oxford: Clarendon Press, 2000.

BATES, David. *The Conqueror's Earliest Historians and the Writing of his Biography*. In: _____; CRICK, Julia; HAMILTON, Sarah. *Writing Medieval Biography – 750 –*

1250 – *Essays in Honour of Frank Barlow*. Woodbridge: Boydell Press, 2006, p.129-142.

BLIESE, John R. E. *The Courage of the Normans – A comparative Study of Battle Rhetoric*. In: *Nottingham Medieval Studies XXXV*, 1991, p.1-26.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1999, pp. 183-202 e 269-294.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história da literatura*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006, p.13-49.

CHIBNALL, Marjorie. *The Debate on the Norman Conquest*. Manchester: Manchester University Press, 1999.

_____. *The World of Orderic Vitalis*. Oxford: Oxford University Press, 1984.

CONTAMINE, Philippe. *La guerre au Moyen Age*. Paris: Presses Universitaires de France, 1980.

DAVIS, R. H. C. *The Norman Myth*. London: Thames and Hudson, 1976.

DOUGLAS, David C. *William the Conqueror – the norman impact upon England*. London: Eyre Methuen, 1977.

GILLINGHAM, John. *Henry of Huntingdon: in his time (1135) and place (between Lincoln and the Royal Court)*. In: *The Gallus Anonymous and his chronicle in the context of twelfth-century revival of the English notion*. Krakow: Ed. Krakow, 2010, 157-172.

GRANSDEN, Antonia. *Historical Writing in England – c. 550 – c. 1307*. London: Routledge, 1996.

GREENWAY, Diana. *Henry de Huntingdon - The History of English People – 1000-1154*. In: *Oxford World's Classics*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

GUENEÉ, Bernard. *Histoire et culture historique dans l'occident Médiéval*. Paris: Aubier-Montaigne, 2011.

HANZ-WERNER, Goetz. "Historical Writing, Historical Thinking and Historical Consciousness in the Middle Ages". In: *Revista Diálogos Mediterrânicos*. N°2 – Maio/2012, p.110-128.

HOLLISTER, Charles Warren. *Henry I*. In: *Yale English Monarchs*. 2ª ed. Yale: Yale University Press, 2003.

HUNTINGDON, Henry of. *Historia Anglorum*. Trad. Thomas Forester. London: Woodfall and Kinder, 1853. Disponível em: <https://archive.org/details/chroniclehenryh00henrgoog>

JUMIÉGES, William de. *The Gesta Normannorum Ducum*. Trad. Elisabeth Van Houts. In: Oxford Medieval Texts. London: Clarendon Press, 1992.

KERSKEN, Norbert. *High and Late Medieval National Historiography*. In: MAUSKOPF, Deborah Deliyannis. *Historiography in the Middle Ages*. Boston: Brill, 2003.

LOT, Ferdinand. *L'art militaire et les armées au Moyen Age – En Europe et dans le proche orient*. Paris: Payot, 1946.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. “*Literatura e sociedade: teoria literária e análise sociológica*” in KHÉDE, Sônia Salomão (org.). *Contrapontos da literatura*. Rio de Janeiro: Vozes, 1984. pp. 83-90.

POTTS, Cassandra. *Monasticism and norman rule*. _____. In: *Monastic Revival and Regional Identity in Early Normandy*. – Normandy Studies in the History of Medieval Religion; v. 11. London: Boydell & Brewer, 1997.

PRADOR, Maria L. C. “*Identidades latinoamericanas (1870-1930)*”. In: MORA, Enrique A. (director); CARBÓ, Eduardo P. (Codirector/org) *Historia General de América Latina – Volumen VII: Los proyectos nacionales latinoamericanos: sus instrumentos y articulación, 1870-1930*. Paris: Ediciones UNESCO y Editorial Trotta, 2009.

SMALLEY, Berly. *Historians in the Middle Ages*. London: Thames and Hudson, 1974.

SAUL, Nigel. *The oxford illustrated history of Medieval England*. New York: Oxford University Press, 1997.

VAN HOUTS, Elisabeth. *Historical Writing*. _____. HARPER-HILL, Christopher. *A Companion to the Anglo-Norman World*. Woodbridge: Boydell & Brewer, 2003.